

EPIFANIA DO SENHOR

CIC 528, 724: a Epifania do Senhor

528 A *Epifania* é a manifestação de Jesus como Messias de Israel, Filho de Deus e salvador do mundo. Juntamente com o baptismo de Jesus no Jordão e as bodas de Caná¹, a Epifania celebra a adoração de Jesus pelos «magos» vindos do Oriente². Nestes «magos», representantes das religiões pagãs circunvizinhas, o Evangelho vê as primícias das nações, que acolhem a Boa-Nova da salvação pela Encarnação. A vinda dos magos a Jerusalém, para «adorar o rei dos judeus»³, mostra que eles procuram em Israel, à luz messiânica da estrela de David⁴, Aquele que será o rei das nações⁵. A sua vinda significa que os pagãos não podem descobrir Jesus e adorá-Lo como Filho de Deus e Salvador do mundo, senão voltando-se para os Judeus⁶ e recebendo deles a sua promessa messiânica, tal qual está contida no Antigo Testamento⁷. A Epifania manifesta que «todos os povos entram na família dos patriarcas»⁸ e adquire a «israelitica dignitas» – a dignidade própria do povo eleito⁹.

724 Em Maria, o Espírito Santo *manifesta* o Filho do Pai feito Filho da Virgem. Ela é a sarça ardente da teofania definitiva: cheia do Espírito Santo, mostra o Verbo na humildade da sua carne; e é aos pobres¹⁰ e às primícias das nações¹¹ que Ela O dá a conhecer.

CIC 280, 529, 748, 1165, 2466, 2715: Cristo, luz das nações

280 A criação é o *fundamento* de «todos os desígnios salvíficos de Deus», «o princípio da história da salvação»¹², que culmina em Cristo. Por seu lado, o mistério de Cristo derrama sobre o mistério da criação a luz decisiva; revela o fim, em vista do qual «no princípio Deus criou o céu e a terra» (*Gn* 1, 1): desde o princípio, Deus tinha em vista a glória da nova criação em Cristo¹³.

¹ Cf. *Solenidade da Epifania do Senhor*, Antífona ao «Magnificat» das II Vésperas: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 1 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) p. 465 [*Liturgia das Horas*, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 528].

² Cf. *Mt* 2, 1.

³ Cf. *Mt* 2, 2.

⁴ Cf. *Nm* 24, 17; *Ap* 22, 16.

⁵ Cf. *Nm* 24, 17-19.

⁶ Cf. *Jo* 4, 22.

⁷ Cf. *Mt* 2, 4-6.

⁸ SÃO LEÃO MAGNO, *Sermão* 33, 3: CCL 138, 173 (PL 54, 242) [*Solenidade da Epifania do Senhor*, 2ª Leitura do Ofício de Leituras: *Liturgia das Horas*, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 519].

⁹ *Vigília Pascal*, Oração depois da 3ª leitura: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 277 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 305].

¹⁰ Cf. *Lc* 2, 15-19.

¹¹ Cf. *Mt* 2, 11.

¹² Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directorium catechisticum generale*, 51: AAS 64 (1972) 128.

¹³ Cf. *Rm* 8, 18-23.

- 529** *A apresentação de Jesus no templo*¹⁴ mostra-O como Primogénito que pertence ao Senhor¹⁵. Com Simeão e Ana, é toda a expectativa de Israel que vem ao encontro do seu Salvador (a tradição bizantina designa por *encontro* este acontecimento). Jesus é reconhecido como o Messias tão longamente esperado, «luz das nações» e «glória de Israel», mas também como «sinal de contradição». A espada de dor, predita a Maria, anuncia essa outra oblação, perfeita e única, da cruz, que trará a salvação que Deus «preparou diante de todos os povos».
- 748** «A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar todos os homens com a sua luz que resplandece no rosto da Igreja, anunciando o Evangelho a toda a criatura»¹⁶. É com estas palavras que começa a «Constituição Dogmática sobre a Igreja» do II Concílio do Vaticano. Desse modo, o Concílio mostra que o artigo de fé sobre a Igreja depende inteiramente dos artigos relativos a Jesus Cristo. A Igreja não tem outra luz senão a de Cristo. Ela é, segundo uma imagem cara aos Padres da Igreja, comparável à lua, cuja luz é toda reflexo da do sol.
- 1165** Quando a Igreja celebra o mistério de Cristo, há uma palavra que ritma a sua oração: *Hoje!*, como um eco da oração que lhe ensinou o seu Senhor¹⁷ e do chamamento do Espírito Santo¹⁸. Este «hoje» do Deus vivo, em que o homem é chamado a entrar, é a «Hora» da Páscoa de Jesus, que atravessa e sustenta toda a história:
- «A vida derramou-se sobre todos os seres e todos são inundados duma grande luz; o Oriente dos orientes invade o universo e Aquele que era “antes da estrela da manhã” e antes dos astros, imortal e imenso, o grande Cristo, brilha mais que o Sol sobre todos os seres. É por isso que, para nós que n’Ele cremos, se instaura um dia de luz, longo, eterno, que não se extingue: a Páscoa mística»¹⁹.
- 2466** Em Jesus Cristo, a verdade de Deus manifestou-se na sua totalidade. «Cheio de graça e de verdade»²⁰, Ele é a «luz do mundo» (Jo 8, 12), Ele é a verdade²¹. Quem nele crê não fica nas trevas²². O discípulo de Jesus «permanece na sua palavra» para conhecer «a verdade que liberta»²³ e que santifica²⁴. Seguir Jesus é viver do «Espírito de verdade»²⁵ que o Pai envia em seu nome²⁶ e que conduz «à verdade total» (Jo 14, 17; 16, 13). Aos seus discípulos, Jesus ensina o amor incondicional à verdade: «que a vossa linguagem seja: “sim, sim; não, não”» (Mt 5, 37).
- 2715** A contemplação é o *olhar* da fé, fixado em Jesus. «Eu olho para Ele e Ele olha para mim» – dizia, no tempo do seu santo Cura, um camponês d’Ars em oração

¹⁴ Cf. Lc 2, 22-39.

¹⁵ Cf. Ex 13, 2.12-13.

¹⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 1: AAS 57 (1965) 5.

¹⁷ Cf. Mt 6, 11.

¹⁸ Cf. Heb 3, 7-4, 11; Sl 95, 8.

¹⁹ PSEUDO-HIPÓLITO DE ROMA, *In sanctum Pascha* 1, 1-2: Studia patristica mediolanensia 15, 230-232 (PG 59, 755).

²⁰ Cf. Jo 1, 14.

²¹ Cf. Jo 14, 6.

²² Cf. Jo 12, 46.

²³ Cf. Jo 8, 31-32.

²⁴ Cf. Jo 17, 17.

²⁵ Cf. Jo 14, 17.

²⁶ Cf. Jo 14, 26.

diante do sacrário²⁷. Esta atenção a Ele é renúncia ao «eu». O seu olhar purifica o coração. A luz do olhar de Jesus ilumina os olhos do nosso coração; ensinamos a ver tudo à luz da sua verdade e da sua compaixão para com todos os homens. A contemplação dirige também o seu olhar para os mistérios da vida de Cristo. E assim aprende «o conhecimento íntimo do Senhor» para mais O amar e seguir²⁸.

CIC 60, 442, 674, 755, 767, 774-776, 781, 831: a Igreja, o sacramento da unidade do género humano

- 60** O povo descendente de Abraão será o depositário da promessa feita aos patriarcas, o povo eleito²⁹, chamado a preparar a reunião, um dia, de todos os filhos de Deus na unidade da Igreja³⁰. Será o tronco em que serão enxertados os pagãos tornados crentes³¹.
- 442** Mas não é este o caso de Pedro, quando confessa Jesus como «Cristo, o Filho de Deus vivo»³², porque Jesus responde-lhe solenemente: «não foram a carne nem o sangue que to *revelaram*, mas sim *o meu Pai* que está nos céus» (Mt. 16, 17). De igual modo, Paulo dirá, a propósito da sua conversão no caminho de Damasco: «Quando aprovou a Deus – que me escolheu desde o seio de minha mãe e me chamou pela sua graça – revelar o seu Filho em mim, para que O anuncie como Evangelho aos gentios» (Gl 1, 15-16). «E logo começou a proclamar nas sinagogas que Jesus era o Filho de Deus...» (Act 9, 20). Será este, desde o princípio³³, o núcleo da fé apostólica³⁴, primeiramente professada por Pedro como fundamento da Igreja³⁵.
- 674** A vinda do Messias glorioso está pendente, a todo o momento da história³⁶, do seu reconhecimento por «todo o Israel»³⁷, do qual «uma parte se endureceu»³⁸ na «incredulidade» (Rm 11, 20) em relação a Jesus. É Pedro quem diz aos judeus de Jerusalém, após o Pentecostes: «Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que os pecados vos sejam perdoados. Assim, o Senhor fará que venham os tempos de alívio e vos mandará o Messias Jesus, que de antemão vos foi destinado. O céu tem de O conservar até à altura da restauração universal, que Deus anunciou pela boca dos seus santos profetas de outrora» (Act 3, 19-21). E Paulo faz-se eco destas palavras: «Se da sua rejeição resultou a reconciliação do mundo, o que será a sua reintegração senão uma ressurreição de entre os mortos?» (Rm 11, 15). A entrada da totalidade dos judeus³⁹ na salvação messiânica, a seguir

²⁷ Cf. F. TROCHU, *Le Curé d'Ars Saint Jean-Marie Vianney* (Lyon-Paris 1927) p. 223-224.

²⁸ Cf. SANTO INÁCIO DE LOYOLA, *Exercitia spiritualia*, 104: MHSI 100, 224.

²⁹ Cf. Rm 11, 28.

³⁰ Cf. Jo 11, 52; 10, 16.

³¹ Cf. Rm 11, 17-18. 24.

³² Cf. Mt 16, 16.

³³ Cf. 1 Ts 1, 10.

³⁴ Cf. Jo 20, 31.

³⁵ Cf. Mt 16, 18.

³⁶ Cf. Rm 11, 31.

³⁷ Cf. Rm 11, 26; Mt 23, 39.

³⁸ Cf. Rm 11, 25.

³⁹ Cf. Rm 11, 12.

à «conversão total dos pagãos»⁴⁰, dará ao povo de Deus ocasião de «realizar a plenitude de Cristo» (Ef 4, 13), na qual «Deus será tudo em todos» (1 Cor 15, 2).

755 «A Igreja é a *agricultura* ou o campo de Deus⁴¹. Nesse campo cresce a oliveira antiga, de que os patriarcas foram a raiz santa e na qual se realizou e realizará a reconciliação de judeus e gentios⁴². Ela foi plantada pelo celeste Agricultor como uma vinha eleita⁴³. A verdadeira Videira é Cristo: é Ele que dá vida e fecundidade aos sarmentos, isto é, a nós que, pela Igreja, permanecemos n'Ele, e sem o Qual nada podemos fazer⁴⁴»⁴⁵.

767 «Consumada a obra que o Pai confiou ao Filho para cumprir na terra, no dia de Pentecostes foi enviado o Espírito Santo para que santificasse continuamente a Igreja»⁴⁶. Foi então que «a Igreja foi publicamente manifestada diante duma grande multidão» e «teve o seu início a difusão do Evangelho entre os gentios, por meio da pregação»⁴⁷. Porque é «convocação» de todos os homens à salvação, a Igreja é, por sua própria natureza, missionária, enviada por Cristo a todas as nações, para de todas fazer discípulos⁴⁸.

774 A palavra grega *mysterion* foi traduzida em latim por dois termos: *mysterium* e *sacramentum*. Na interpretação ulterior, o termo *sacramentum* exprime prevalentemente o sinal visível da realidade oculta da salvação, indicada pelo termo *mysterium*. Neste sentido, o próprio Cristo é o mistério da salvação: «Nem há outro mistério senão Cristo»⁴⁹. A obra salvífica da sua humanidade santa e santificadora é o sacramento da salvação, que se manifesta e actua nos sacramentos da Igreja (que as Igrejas do Oriente chamam também «os santos mistérios»). Os sete sacramentos são os sinais e os instrumentos pelos quais o Espírito Santo derrama a graça de Cristo, que é a Cabeça, na Igreja que é o seu Corpo. A Igreja possui, pois, e comunica a graça invisível que significa; e é neste sentido analógico que é chamada «sacramento».

775 «A Igreja em Cristo é como que o sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano»⁵⁰. Ser sacramento da *união íntima do homem com Deus*, eis a primeira finalidade da Igreja. E porque a comunhão dos homens entre si radica na união com Deus, a Igreja é, também, o sacramento da *unidade do género humano*. Nela, esta unidade já começou, pois reúne homens «de toda a nação, raça, povo e língua» (Ap 7, 9). A Igreja é, ao mesmo tempo, «sinal e instrumento» da plena realização desta unidade, que ainda há-de vir.

⁴⁰ Cf. Rm 11, 25; Lc 21, 24.

⁴¹ Cf. 1 Cor 3, 9.

⁴² Cf. Rm 11, 13-26.

⁴³ Cf. Mt 21, 33-43 e par.; Is 5, 1-7.

⁴⁴ Cf. Jo 15, 1-5.

⁴⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 6: AAS 57 (1965) 8.

⁴⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 4: AAS 57 (1965) 6.

⁴⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 4: AAS 58 (1966) 950.

⁴⁸ Cf. Mt 28, 19-20; II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 2: AAS 58 (1966) 948; *Ibid.*, 5-6: AAS 58 (1966) 951-955.

⁴⁹ SANTO AGOSTINHO, *Epistula* 187, 11, 34: CSEL 57, 113 (PL 33, 845).

⁵⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 1: AAS 57 (1965) 5.

- 776 Como sacramento, a Igreja é instrumento de Cristo. «É assumida por Ele como instrumento da redenção universal»⁵¹, «o sacramento universal da salvação»⁵², pelo qual o mesmo Cristo «manifesta e simultaneamente actualiza o mistério do amor de Deus pelos homens»⁵³. É o «projecto visível do amor de Deus para com a humanidade»⁵⁴, segundo o qual Deus quer «que todo o género humano forme um só povo de Deus, se una num só Corpo de Cristo e se edifique num só templo do Espírito Santo»⁵⁵.
- 781 «Em todos os tempos e em todas as nações foi agradável a Deus aquele que O teme e pratica a justiça. No entanto, aprouve a Deus salvar e santificar os homens não individualmente, excluía qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse na santidade. Foi por isso que escolheu Israel para ser o seu povo, estabeleceu com ele uma aliança e instruiu-o progressivamente [...]. Mas tudo isso aconteceu como preparação da Aliança nova e perfeita, que seria concluída em Cristo [...]. Esta nova Aliança instituiu-a Cristo no seu Sangue, chamando um povo, proveniente de judeus e pagãos, a juntar-se na unidade, não segundo a carne, mas no Espírito»⁵⁶.
- 831 É católica, porque Cristo a enviou em missão à universalidade do género humano⁵⁷:
- «Todos os homens são chamados a fazer parte do povo de Deus. Por isso, permanecendo uno e único, este povo está destinado a estender-se a todo o mundo e por todos os séculos, para se cumprir o desígnio da vontade de Deus que, no princípio, criou a natureza humana na unidade e decidiu enfim reunir na unidade os seus filhos dispersos [...]. Este carácter de universalidade que adorna o povo de Deus é dom do próprio Senhor. Graças a tal dom, a Igreja Católica tende a recapitular, eficaz e perpetuamente, a humanidade inteira, com todos os bens que ela contém, sob Cristo Cabeça, na unidade do Seu Espírito»⁵⁸.

⁵¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 9: AAS 57 (1965) 13.

⁵² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

⁵³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 45: AAS 58 (1966) 1066.

⁵⁴ PAULO VI, *Allocutio ad Sacri Collegii Cardinalium Patres* (22 de Junho de 1973): AAS 65 (1973) 391.

⁵⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 7: AAS 58 (1966) 956; cf. Id, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 17: AAS 57 (1965) 20-21.

⁵⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 9: AAS 57 (1965) 12-13.

⁵⁷ Cf. *Mt* 28, 19.

⁵⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 13: AAS 57 (1965) 17.